



APRESENTAÇÃO

v.4, n. 2 Mar./Ago. 2018

A revista P2P & Inovação chega ao fim do seu quarto ano de vida com enormes desafios. Ela é editada pelo grupo de pesquisa do IBICT Públicos produtivos e Economias colaborativas. Este desafio começa no esclarecimento do seu foco em sociedades pluralistas e com múltiplos metabolismos econômicos.

A agenda da revista vem sendo delineada a cada número publicado. Seu ponto de partida foi dado na criação do grupo de pesquisa, após um curso sobre Peer production oferecido por Michel Bauwens na Escola de Comunicação da UFRJ. A participação da então diretora Ivana Bentes foi fundamental e ela se tornou co-líder do grupo.

Há 4 anos atrás havia uma efervescência em torno do Comum como noção distinta do próprio e do privado. Uma tradução rápida da Peer production poderia falar em produção colaborativa. Bauwens fez questão de falar em Public production, enfatizando o aspecto comunicacional do conceito. Há também uma importante distinção entre Economia colaborativa e Economia solidária. Contudo, as duas apontam para metabolismos econômicos plurais no capitalismo.

O grupo de pesquisa no IBICT conduziu a pensar sua agenda dentro de uma visão de mundo que humaniza a Ciência, a Tecnologia e a Inovação. A inclusão do termo Inovação no próprio nome da revista buscou ampliar seu foco para a potência do conhecimento como fator de mudança. Isto se faz através de sujeitos que se comunicam, aprendem e querem se entender. São eles que fazem acordos de um conhecimento humanizado.

A colaboração com a P2P Foundation abriu uma avenida para interlocução com autores europeus e Latino americanos. Isto permitiu, por exemplo, conhecer autores da Grécia em ebulição e do Equador rascunhando em torno do Bom Viver.

Outra importante ponte é com a Universidade Humanística de Utrecht. Fernando Muller e Ruud Kaulingfreks trazem uma importante contribuição europeia, onde acontece o curioso renascimento da dialética idealista após um longo inverno de negação e pessimismo. Isto tem a ver com as demandas de racionalidade em uma sociedade globalizada em crise e com fortes ondas de migração.

Abriu-se também a agenda para os trabalhos que vinham dos pesquisadores da Universidade da Amazônia no Pará e discutem as questões de sustentabilidade ambiental. O estado parece ser a síntese das contradições amazônicas: mineração e destruição dos rios, extração de madeira e devastação da floresta, a sobrevivência econômica dos ribeirinhos, a ação predadora de grandes obras públicas. Enfim, é o debate sobre ecologia no capitalismo.

O professor Armando de Melo Lisboa, da UFSC, conectou a rede de pesquisadores em Economia Solidaria com a revista. Esta rede integra-se com uma vasta rede de movimentos sociais, na qual se destacam os trabalhadores sem terra, a agricultura familiar e a agroecologia. A Inovação faz parte do cotidiano destes pesquisadores e movimentos.

Aos poucos foram aparecendo trabalhos focados nas tecnologias digitais, com seu enorme potencial para a produção colaborativa e a economia criativa. Há um mundo a ser aberto na investigação de tecnologias, que vai da produção de softwares livres a construção de smart cities, passando por modos inovadores de socialização e pela relação com a cidadania. A revista quer fazer parte desta comunidade de discussão.

Assim a agenda da revista vai se desenhando, a partir de autores e de leitores que querem pensar para além dos modos e dos meios de produção estabelecidos. Isto é inovar, isto é mudar a produção e buscar o comum. Este processo de discussão e de construção é permanente.

Não podemos terminar esta apresentação sem falar da situação histórica que estamos vivendo: sim, foi golpe. Em 2016 interrompemos o breve ciclo de democracia iniciado com a Constituição de 1988. A derrubada de Dilma Rousseff põe o Brasil em mais um período de trevas. É uma investida autoritária interessada: cortes de direitos sociais, redução e congelamento dos gastos públicos, facilidades para mineradoras e petroleiras, privatização de áreas estratégicas. Naturalmente é uma temporada de conflitos.

A mais recente aventura golpista é uma intervenção militar na segurança pública no estado do Rio de Janeiro. O modo de enfrentar os conflitos sociais é com tanques e fuzis, direcionados para comunidades pobres e favelas. Isto tudo em um território partido por desigualdades e racismo. É um caldo de cultura para violência, que se agrava por injustiças como a prisão por posse de drogas para uso, os mandados de busca coletivos e a prisão sem sentença definitiva que fere a presunção de inocência.

O assassinato da vereadora carioca Marielle Franco faz parte deste cenário. Ela era uma crítica radical da intervenção militar. Como mulher negra nascida em uma favela ela sabia bem como se dá a repressão militar nas comunidades pobres. Sua execução a sangue frio, premeditada, mostra que as elites brasileiras não têm limites. Marielle tornou-se símbolo mundial contra a barbárie que ameaça as pessoas comuns.

Uma revista acadêmica não pode se isolar nas torres de marfim, entre sábios que não olham para o mundo da vida ou entre aqueles que jamais põem os pés no chão. Temos um compromisso com a Inovação, mas isto não é mercadoria e sim bem-estar. A peer production não é devaneio minoritário. Assim como o Comum não é uma quimera na sociedade capitalista. Estamos atentos, ligados, conectados. Como dizia Maiakovski, o século XXX vencerá.

Finalizamos homenageando Aldo de Albuquerque Barreto, pesquisador sênior do CNPQ, que faleceu em fevereiro passado e era membro do nosso Comitê Editorial. A ele nosso reconhecimento e nossa gratidão.

Boa leitura!